

Juana Azurduy e os embates de história¹

Juana Azurduy and the clashes of history

 Iaranda Jurema Ferreira Barbosa

 Jayne Ribeiro

Resumo: O objetivo deste trabalho é ressaltar a vida e as importantes contribuições da guerrilheira Juana Azurduy, no tocante à luta pela independência desde o Alto Peru, conhecido atualmente como Bolívia, até a Argentina. Problemáticas relacionadas à estrutura patriarcal e a resistência de determinados grupos da sociedade em aceitar o protagonismo da referida combatente foram discutidas, assim como foram expostas algumas políticas voltadas para a reparação histórica dessa personalidade. Portanto, o trabalho está dividido em quatro momentos: o primeiro, destinado à contextualização e à historicização da vida da guerrilheira, no qual ela já inicia os embates iniciais; o segundo, dedicado às políticas relacionadas a homenagear e resgatar a memória da heroína, mesmo sob a resistência de alguns grupos; o terceiro, composto por discussões a respeito de como a figura da mulher forte é im-

Iaranda Jurema Ferreira Barbosa. Doutorado; UEPB. Email: iarandabarbosa@servidor.uepb.edu.br

Jayne Ribeiro. Email: jaynelira12@gmail.com

1. O referido artigo teve como base o trabalho publicado no livro *Nativas, mestiças e tran-soceânicas: o poderio feminino em Abya Yala* (EDUFRPE, 2023). Portanto, há mudanças e ajustes consideráveis e significativos referentes ao título, à inserção de novos trechos e à substituição de termos e parágrafos, a fim, sobretudo, de se adequar às normas de publicação desta revista.

portante para combater estereótipos; e as considerações finais, que trazem o arremate do trabalho. O corpus teórico selecionado está pautado nas considerações trazidas por Ulloa (2009), Hennes (2010) e Ortemberg (2016). Assim, almejamos evidenciar a importância de Juana Azurduy para a construção de uma sociedade livre e com mais equidade em Abya Yala.

Palavras-chave: Azurduy. História. Abya Yala. Embates.

Abstract: The goal of this study is to highlight the life and significant contributions of the guerrilla fighter Juana Azurduy in the fight for independence from Upper Peru, now known as Bolivia, to Argentina. Issues related to the patriarchal structure and the resistance of certain societal groups to accepting the prominent role of this combatant are discussed, as well as the policies aimed at the historical reparation for this figure. The work is divided into four sections: the first delves into contextualizing and historicizing the life of the guerrilla fighter amid her initial clashes; the second focuses on policies related to honoring and rescuing the memory of the heroine, despite resistance from some groups; the third consists of discussions on how the figure of the strong woman is crucial in combating stereotypes; and the final section presents concluding remarks. The selected theoretical framework is based on the works of Ulloa (2009), Hennes (2010), and Ortemberg (2016). Therefore, we aim to emphasize the importance of Juana Azurduy in building a freer and more equitable society in Abya Yala.

Keywords: Azurduy. History. Abya Yala. Clashes.

Primeiros embates

O papel desempenhado pelas mulheres – sobretudo as de etnias historicamente subalternizadas, como a negra e a indígena – nas lutas pela independência quase nunca é ressaltado e, menos ainda, conhecemos a relevância que elas tiveram nesse processo. É na esteira das

propostas de reparações históricas e das mudanças sociais ocorridas em Abya Yala² que destacamos neste artigo a figura de Juana Azurduy.

Metodologicamente, dividimos o trabalho em quatro seções. Na primeira, contextualizamos a vida e a história da guerrilheira a fim de expor como os primeiros combates (pessoais e bélicos) surgem para ela. A segunda, discute algumas políticas públicas destinadas homenagens e ao resgate memorialístico da heroína. Nesta seção, também foram abordados posicionamentos de resistência contrários a algumas políticas. A terceira aborda como a figura de Juana Azurduy é símbolo de força e um importante exemplo para combater estereótipos. A quarta se refere às considerações finais. O *corpus* teórico formado, basicamente, por Ulloa (2009), Hennes (2010) e Ortemberg (2016) reflete as poucas investigações científicas destinadas a Juana Azurduy. A heroína do Alto Peru ainda permanece desconhecida para grande parte da sociedade que ela ajudou a ser independente, assim como para outras nações vizinhas, como é o caso do Brasil. Devido a isso, é importante iniciarmos as discussões pelos primeiros embates.

Um monumento de 25 toneladas e 9 metros de altura erige-se imponente na antiga Plaza Colón, Argentina. Ele é um símbolo empírico de intercruzamentos raciais, históricos, identitários, políticos, ideológicos, artísticos, culturais e de gênero. Placas informativas fixadas no pedestal de 7 metros de altura apresentam ao público, de modo infinitamente resumido, a minibiografia de Juana Azurduy. Quem foi essa mulher transformada em bronze pelas mãos do artista Andrés Zernerri?

2. Carlos Walter Porto-Gonçalves assim define o termo: Abya Yala na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento” e é sinônimo de América. O povo Kuna é originário da Serra Nevada no norte da Colômbia tendo habitado a região do Golfo de Urabá e das montanhas de Darien e vive atualmente na costa caribenha do Panamá na Comarca de Kuna Yala (San Blas). Disponível em: ABYA YALA - IELA (ufsc.br). Acesso em: 30 nov. 2023.

Chamada “a Flor do Alto Peru”, Juana Azurduy, filha de uma indígena mestiça com pai europeu e fazendeiro, nasceu em 12 de julho de 1780, em Toroca, Bolívia, perto de onde temos a atual Sucre. Desde criança, teve um contato muito vívido com o campo e com os afazeres da fazenda. Também esteve próxima da cultura indígena, por parte da família materna, o que, sem dúvida, contribuiu para o olhar ativo e crítico às questões sociais dos povos originários. Muito jovem, ficou órfã e foi colocada em um convento, onde teve acesso a livros que lhe aproximaram ainda mais da ancestralidade e fizeram o espírito rebelde desenvolver-se com maior brio:

En los últimos meses se han hecho frecuentes los encuentros en la biblioteca con las novicias. Son pocas las que arriman a ese espacio, son pocas las que saben de esas reuniones en las que intercambian opiniones y quejas sobre el escaso material de lectura al que pueden acceder en el convento. Pero hoy no van a hablar de eso.

De entre el papelerío que las monjas acumulan en desuso Juana ha podido rescatar un pliego ajado, rugoso y amarillento por el que se ha enterado de la existencia de Túpac Amaru. Algo de manuscrito le ha llamado la atención y tiene urgencia de comentarlo con sus amigas.

Ellas la escuchan con interés, cada palabra dicha por Juana es pronunciada con firmeza, con una vehemencia que les descubre en sus fueros íntimos los latidos de una realidad que, aunque desconocida, vibra con fervor y apremio por salir a luz.

Saben que Juana habla de cosas que parecen alocadas, pero siente algo cercano a la curiosidad. No están acostumbradas a escuchar a una mujer hablar de ese modo y con tanto convencimiento (Ulloa, 2009, p. 24).

Juana Azurduy revela-se uma mulher inconformada com o silenciamento. A reunião com as noviças expõe a necessidade de transmitir

conhecimentos, verbalizar sentimentos e negar a passividade. A então futura guerrilheira apresenta-se à frente do tempo, ao ter opinião e argumentos. Conhecer as lutas indígenas para defender os próprios direitos contribuiu para forjar o caráter insurreto da guerrilheira. Ademais, inteirar-se que Micaela Bastidas, a esposa de Túpac Amaru, batalhou ao lado do marido, foi determinante para que, após sair do internato, Juana Azurduy se casasse com Manoel Ancensio Padilla, cuja mente repleta de ideias liberais e desejo de libertar a América encaixou-se perfeitamente em seus anseios.

Quando a causa libertária ganhou mais forças, Padilla decidiu juntar-se de vez ao exército. Interrompeu os trabalhos na fazenda, dispensou os empregados e retirou-se com a família. Juana Azurduy refugiou-se com os filhos nas batalhas iniciais, mas decidiu que aquela seria a última vez que o esposo partiria sozinho. Ela também se juntaria à guerra:

Juana Azurduy sabía que era tiempo de cambios. Madre de cuatro niños, atravesaba un periodo de fuertes contradicciones: por un lado, sus hijos eran aún pequeños y la necesitaban a su lado, pero, por otro, estaba convencida de que para que ellos crecieran en un país que les garantizaran una vida digna y en libertad, todos debían sumarse a la lucha por la independencia. Ella debía estar presente en los frentes de batalla (Ulloa, 2009, p. 13-14).

A revolução de Chuquisaca foi tida como o primeiro grito libertário da América. Juana Azurduy esteve presente guerreando, dando início, assim, à caminhada em luta pela liberdade de seu povo, disposta a lutar por seus ideais.

É importante destacar o contexto histórico que rodeava esse episódio. Os europeus dirigiam, através de reinados, mais de três séculos de exploração, roubo e escravidão, nos quais o povo passava por grande

miséria. Vários grupos se uniram ao exército popular para derrubar o governo. Embora alguns duvidassem da capacidade de Juana Azurduy para a luta, ela não se rendeu. Apesar do preconceito enfrentado por ser mulher, esposa e mãe, com muita força e disposição seguiu firme e teve muito destaque. Além de grande estrategista, libertou o marido em diversas situações, fundou a associação de “Los Leales” e foi nomeada tenente-coronela³ no ano de 1816.

Contudo, ao longo de incontáveis batalhas para libertar os territórios de Abya Yala, perdeu quatro dos cinco filhos. A última filha de Azurduy, Luisa, a única sobrevivente, pouco conheceu o pai, morto em combate, e foi deixada aos cuidados de amigos para que a mãe pudesse seguir com o exército.

Juana Azurduy continuou na luta até 1821, guerreou como combatente e foi muito admirada por ser inteligente, estratégica e ágil com o sabre, objeto que faria parte da sua marca registrada e com o qual degolou alguns inimigos. Tinha forte poder de liderança, era um grande exemplo para todos os soldados e, principalmente, para mulheres que também apoiavam a causa revolucionária. Ulloa (2009, p. 90) destaca: “La voz de Juana, firme y profunda, resuena en el campo de batalla como un rayo de luz que alumbra el coraje de los suyos y estremece de pavor a sus contrincantes”. A guerreira por uma pátria melhor para todos rompeu com os moldes impostos pela sociedade da época e mostrou a força feminina de maneira perspicaz, capaz de fazer uma mulher simples, mestiça, do campo, entrar no exército nacional e lutar pela liberdade, com a espada em punho.

3. Embora as forças armadas e militares não adiram às formas femininas das patentes, elas são reconhecidas oficialmente perante a norma culta padrão da Língua Portuguesa. A fim de estarmos mais coerentes com as discussões e as posições apresentadas e defendidas neste artigo, optamos pelo uso do termo no feminino.

Quando por fim o grito libertário foi dado, Juana Azurduy decidiu, mesmo sem recursos financeiros suficientes para custear a viagem, voltar a Chuquisaca, onde estava Luisa. A situação financeira da guerrilheira não era do interesse de nenhum dos antigos companheiros de guerra, integrantes do novo governo.

Os logros e a fama de Juana Azurduy chegaram ao conhecimento de Simón Bolívar, novo presidente na época, que fez questão de encontrá-la e prestar honra pelos feitos individuais e pelos realizados ao lado de Manuel Padilla. Nesse encontro, por volta de 1825, Bolívar lhe concedeu o título de coronela, uma pensão pelo período de cinco anos e deu o reconhecimento que merecia Azurduy dizendo que: “Esse país não deveria chamar-se Bolívia em minha homenagem, mas Padilla ou Azurduy, porque foram eles que o libertaram” (Simón Bolívar, apud Vilas Bôas, 2018, s/p). Apesar do discurso de Bolívar, o reconhecimento não perdurou muito tempo, porque Juana Azurduy teve a pensão e o título retirados, não lhe restando mais nada, pois o que ela possuía antes de partir para a guerra havia sido confiscado pelo governo:

La situación económica de madre e hija era desesperada. Los bienes de la señora Azurduy habían sido confiscados por los españoles y la nueva república aún no se los había devuelto. El general Santa Cruz, prefecto de Chuquisaca, realizó los trámites para que, de acuerdo con el decreto firmado por el mariscal de Ayacucho en abril de 1826, Juana recuperase la hacienda de Cullcu. Pero la mujer necesitaba alimentar a la niña. Como una burla a esa persona que había entregado su vida a la independencia, Santa Cruz le consiguió una dádiva de cien míseros pesos (Ulloa, 2009, p. 123).

Até mesmo a pensão de cem pesos fora retirada e mais uma vez ela ficou sem nada, esquecida e renegada pelos seus, como cita Ulloa (2009, p. 125): “La ignorada guerrillera de la independencia, la que había sacrifica-

do todo en aras de la libertad de su tierra, fue víctima de la manipulación de los que paulatinamente ocuparon el poder en su país”. Juana Azurduy não pedia por títulos, honraria ou fazia questão de reconhecimento. Queria o mínimo de atenção, ou pelo menos as terras de volta, que lhe eram de direito. Já que havia entregado tudo pelo seu país, sonhava em ao menos dar uma vida digna à única filha, mas sentiu na pele o esquecimento.

Sem nenhum título, deixou a Bolívia e seguiu para a Argentina em busca de uma realidade um pouco melhor para si e Luisa. Viveram ali em uma casa simples em um bairro pobre até que, com mais de oitenta anos de idade:

La vida y sus constantes paradojas quiso que la valiente guerrillera de la independencia no se marchase un día cualquiera, sino un 25 de mayo. Fue en 1862, el mismo día que cincuenta y tres años antes Juana había comenzado a enaltecer las páginas de la historia (Ulloa, 2009, p. 131).

Lamentavelmente, Juana Azurduy teve um cortejo fúnebre composto por poucas pessoas. Nada comparado com o que a mãe da pátria boliviana e uma ex-combatente merecesse. Foi enterrada em uma vala comum, de apenas um peso, longe do país e do povo pelos quais tanto lutou. Dessa maneira, é perceptível que o governo desmerecia seus feitos e a considerava alguém insignificante demais para levar o nome do exército revolucionário. Limitaram-na a um fantasma, deixada às margens do silenciamento de um governo misógino, que não tinha espaço para uma mulher ex-combatente.

A personalidade dessa guerreira marca o cenário da revolução libertária, não só da nação boliviana, mas de toda Abya Yala. Nesse contexto, reconhecemos a importância de Juana Azurduy no processo de independência, marcando muitos momentos históricos com o seu legado.

Em contrapartida, são escassos os estudos sobre a figura da combatente. Alguns não a trazem enquanto heroína, senão como “Azurduy de Padilla”, fazendo com que as conquistas fossem limitadas a um olhar patriarcal e antiquado. Assim, é relegado à brava guerrilheira um mero papel secundário, à sombra do marido, visto como um herói:

UNA de las referencias más tempranas que tenemos sobre Azurduy es el diario de Manuel Ascencio Padilla, una memoria publicada póstumamente en 1901 que relata sus hazañas militares entre 1813 y 1815. El autor minimiza la participación de Azurduy en los conflictos armados durante estos años. Aunque resalta el valor y la resistencia de su mujer, la Juana de su narrativa es un sujeto medio-participatorio en el conflicto y, más que nada, otra preocupación para el caudillo. El narrador ni siquiera se refiere a ella por su nombre; la llama simplemente la “mujer” de Padilla (Hennes, 2010, p. 95).

De tal modo, vemos a paulatina tentativa de apagamento, gerada por preconceito e discriminação. A coronela foi colocada na história como coadjuvante, como se sua participação estivesse restrita à de esposa de um herói nacional quando, na verdade, ela foi a própria heroína.

Várias mulheres participaram de processos de independência em Abya Yala. Entretanto, quase não ouvimos falar nesses nomes. Devemos, então, perguntar-nos o motivo, o porquê de a história, as academias, os livros, não falarem sobre elas, sobre Juana Azurduy. Por que as universidades são espaços onde ainda prevalece a história construída a partir de uma perspectiva patriarcal e preconceituosa, que nos impede de estudá-las?

Infelizmente, assumimos, assim, uma realidade que nos rodeia, que é o silenciamento da participação feminina na história mundial. Essas heroínas continentais são silenciadas e escondidas dentro de um re-

corte geral da construção histórica em Abya Yala, apagadas por uma estrutura calcada no patriarcado, na qual o homem, na grande maioria das vezes, está dentro da história, da literatura, das artes em destaque e são mencionados, dando-nos a errônea ideia de que as mulheres nunca participaram de fatos importantes ou nunca estiveram presentes em eventos notáveis.

Mulher combatente

As tentativas de minimizar, apagar e/ou silenciar histórias como as de Juana Azurduy, sobretudo, colocando como epicentro figuras masculinas, significam usurpar territórios. Seja através da masculinização seja por meio da desmilitarização – definindo papéis baseados na divisão sexual do trabalho ou nas atividades que homens e mulheres devem desempenhar na sociedade – as personalidades femininas determinantes para lutas e conquistas em Abya Yala seguem atravessando obstáculos e forçando passagens.

É imprescindível compreender como se dá esse processo, buscando revelar que a ausência desses corpos e vozes em diversos espaços, que vão desde a mídia até os sistemas de ensino, privam a população de conhecer a narrativa continental de modo amplo e reconhecer-se, inclusive, em pessoas que mudaram a trajetória política, social e histórica do território. O sentimento de orgulho e de pertencimento se fortalece quando encontramos heróis pautados na representatividade. Contudo, determinados indivíduos que detêm o poder ou privilégios reforçam estereótipos e preconceitos a fim de manter a pirâmide social inalterada, inclusive no tocante a questões simbólicas – haja vista os mencionados comentários postados no jornal *Clarín* –. Sobre tais reflexões, acrescentamos:

Por isso mesmo, a afirmação de que todos são iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista em nossas sociedades. O racismo latinoamericano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento. Veiculada pelos meios de comunicação de massa e pelos aparelhos ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 2020, p. 119).

São os referidos aparelhos ideológicos e o mito da superioridade branca que procuram inferiorizar o “outro” a partir da raça e do gênero, haja vista os comentários presentes no *Clarín*, que revelam como a ideia eugênica e de higienização está latente em Abya Yala. Nesse sentido, se as constantes tentativas de apagamento e silenciamento apresentam-se frustradas em determinados momentos, os mecanismos de poder buscam novas estratégias e desembocam na intenção de submeter o outro ou em retirar-lhe a importância, relegando-lhe funções “desimportantes”. Em se tratando de mulheres guerrilheiras, a exemplo de Juana Azurduy, Hennes (2010, p. 103) pontua:

Aunque el campo de batalla se había construido como un espacio masculino por excelencia, hubo mujeres excepcionales que transgredieron este espacio: las Amazonas americanas —tanto figuras mitológicas como mujeres históricas— y las mujeres santas de la tradición católica. Este precedente ya se había establecido cuando Juana Azurduy dirigió sus tropas contra las fuerzas realistas. Por eso no sorprende la presencia de ciertos matices

hagiográficos y marianos en las representaciones textuales de la heroína chuquisaqueña.

Todavía, a coronela rompe com vários estereótipos e imagens cristalizadas no imaginário coletivo sobre as mulheres. Ela não condiz com santidade, nem com o mito da donzela guerreira, pois não almeja pureza nem procura vingança, mas liberdade e justiça para uma nação. Não foi preciso renunciar ao amor – pois lutou ao lado dele – nem à maternidade. A guerrilheira provoca um abismo entre o que a sociedade espera de uma mulher e o que ela deixou como legado. Outro tema pertinente é o fato de a considerarmos uma figura lendária:

La leyenda de Juana Azurduy ha sido escrita y reescrita en la encrucijada de varios discursos sociopolíticos, religiosos y mitológicos que han confluído de diversas maneras en diferentes momentos históricos. Con frecuencia, en las distintas biografías que sobre ella se han escrito, es difícil distinguir los datos históricos de los elementos fantásticos, exageraciones o proyección de deseos y preocupaciones de un autor sobre la vida de su sujeto. Se han publicado unos pocos estudios críticos sobre la construcción de la leyenda de Juana Azurduy y aunque se han examinado de cerca algunos de los ejes ideológicos presentes en su leyenda –tales como la idealización maternal y la identificación de Azurduy con la Pachamama– otros referentes culturales han quedado inexplorados (Hennes, 2010, p. 94).

Lenda é uma narrativa fantasiosa, existente apenas na imaginação das pessoas, pois é de transmissão oral. Logo, a confiabilidade é baixa e passível ao desaparecimento. Daí a importância do registro e das discussões a respeito da memória e das contribuições de figuras tais quais Juana Azurduy. Onde estão as narrativas e as personalidades indígenas quando estudamos Abya Yala? A heroína alto-peruana, a

guerrilheira da independência está exatamente no centro dessa encruzilhada, pois incidem sobre ela demandas sociais, políticas, interraciais, de gênero e culturais que compõem, entre outros processos, o campo memorialístico.

Considerações (distantes dos embates) finais

Este artigo destinou-se a contribuir nos embates contra a visão patriarcal que durante séculos procurou ocultar Juana Azurduy. Os reconhecimentos em torno da imagem da heroína tratam de uma grande conquista para Abya Yala. A combatente do Alto Peru foi exemplo de inteligência, força, coragem e atitude, desempenhando um papel indispensável na luta por igualdade, respeito, liberdade e justiça.

É válido destacar que as ferramentas de opressão e a violência vigentes estruturaram-se e permanecem consolidadas devido a uma rede de poderes que lhe dão sustento. Elas constituem-se através da mídia, do senso comum, dos sistemas de educação, das falácias, dos preconceitos enraizados nas instituições públicas e privadas, dos discursos religiosos, da falta de representatividade nos mais variados ambientes laborais, da educação doméstica, da difícil ascensão social, da repressão por parte das forças de segurança, da falta de boa vontade política, do pouco compromisso da elite intelectual com mudanças significativas na base da sociedade, da desvalorização das culturas populares, das lacunas presentes nas artes ao dispensar determinados corpos como protagonistas, do menosprezo pela estética fora dos padrões europeus.

É importante ressaltar também que o ato de resgatar ou manter no esquecimento determinadas personalidades responde a projetos de governo. Nesse sentido, precisamos estar atentos para compreender como, quando e por que este ou aquele personagem é colocado em evidência.

Quais interesses estão envolvidos? O exercício crítico e a problematização necessitam estar atrelados às análises para que a assimilação dos fatos provoque resultados que modifiquem estruturas fossilizadas. Assim, abrem-se possibilidades de diálogos e o conhecimento se amplia.

Ademais, muitas mudanças e reclamos pela memória de pessoas importantes advêm de grupos que defendem questões de raça, gênero e sexualidade, por exemplo, resistentes às intempéries e às opressões. Eles têm ciência de que para que a Justiça saia da inércia ela precisa ser provocada. Logo, é mais que urgente a presença de representantes das minorias nos mais variados espaços, movimento este apenas possível através da informação e, sobretudo, da educação, pois conhecimento é poder.

Referências

CLARÍN. *La estatua de Juana Azurduy llegó al CCK: terminó la mudanza*. La llevaron desde el Parque Colón, atrás de Casa Rosada. El proceso demandó sumo cuidado para evitar roturas. Disponível em: *La estatua de Juana Azurduy llegó al CCK: terminó la mudanza* (clarin.com). Acesso em: 25 set. 2022.

DIÁRIO causa operária, *Nasce Juana Azurduy, Libertadora da Bolívia*. 2019. Disponível em: <https://www.causaoperaria.org.br/12-de-julho-de-1780-nasce-juana-azurduy-libertadora-da-bolivia/>. Acesso em: 08 nov. 2020. (78) COMITÉ EDITORIAL Director: Coordinadora Editorial: Editor responsable: Instituto de Investigaciones sobre el Patrimonio Cultural Redacción | Laura Malosetti Costa - Academia.edu

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. *Espaço aberto. Revista Brasileira de Educação*. Maio/jun/jul/ago 2005, N. 29, pp. 164-177. Disponível em: *iniciais* (scielo.br). Acesso em: 22 maio 2024.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: EDITORA SCHWARCZ S.A., 2020.

HENNES, Heather. Corrientes culturales en la leyenda de Juana Azurduy de Padilla. *Cuadernos americanos*, México 2010/2, Exemplar 132, pp. 93-115. Disponible em: <http://www.cialc.unam.mx/cuadamer/textos/ca132-93.pdf>. Acceso em: 4 fev. 2023.

INFOLEG. Información Legislativa. Ministerio de la Justicia de la Nación. *Ley 26.277*. Disponible em: servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anejos/130000-134999/131043/norma.htm. Acceso em: 22 maio 2024.

ORTEMBERG, Pablo. Monumentos, memorialización y espacio público: reflexiones a propósito de la escultura de Juana Azurduy. *Tarea*. Anuario del Instituto de Investigaciones sobre el Patrimonio Cultural. pp. 96-125. Año 3, octubre de 2016. Disponible em: (78) COMITÉ EDITORIAL Director: Coordinadora Editorial: Editor responsable: Instituto de Investigaciones sobre el Patrimonio Cultural Redacción | Laura Malosetti Costa - Academia.edu. Acceso em: 22 maio 2024. Universidad Nacional San Martín. San Martín: UNSAM EDITA. ISSN 2469-0422

ULLOA, Alejandro. (coord.). *Juana Azurduy: La más noble guerrillera americana*. Buenos Aires: Planeta, 2009. ISBN: 978950492134 9.

VILAS BÔAS, Iêda. *Xapuri Socioambiental*, 2018. Disponible em: <https://www.xapuri.info/news/juana-azurduy-mariscal-general-a-tenente-coronela-flor-do-alto-peru/>. Acceso em: 8 nov. 2020.

Recebido em: 07/01/2024
Aprovado em: 10/06/2024

Licenciado por

